

A Natureza Humana Segundo Winnicott

Nildo Viana*

Donald W. Winnicott é considerado um dos mais importantes representantes da psicanálise e nome de destaque da chamada “escola inglesa”. Winnicott parte das contribuições de Sigmund Freud e Melanie Klein para desenvolver sua abordagem psicanalítica. A sua produção contém, por conseguinte, tanto a contribuição desses dois psicanalistas, quanto sua contribuição própria e original. A obra de Winnicott é extensa, contendo diversos livros e artigos, formando uma vasta bibliografia, cujo tema fundamental é a criança e seu desenvolvimento, embora adentre sobre diversas outras questões. Diante disso, o nosso objetivo é destacar um dos elementos constitutivos de sua obra, que é sua concepção de natureza humana. A questão que buscamos responder é o que é a natureza humana para Winnicott?

Para atingir nosso objetivo vamos realizar uma discussão geral sobre natureza humana, contextualizando a concepção de Winnicott no interior de uma tradição filosófica e psicanalítica, apresentar uma análise de como este autor concebe a natureza humana e, por fim, um balanço crítico de sua reflexão sobre este tema.

A Questão da Natureza Humana

A ideia de natureza humana é uma das mais antigas nas reflexões filosóficas e de outras áreas do saber (STEVENSON, 1976). A chamada “antropologia filosófica” constitui um ramo específico da filosofia que trata dessa questão. Assim, as contribuições de autores como Thomas Hobbes, Jean-Jacques Rousseau, Ludwig Feuerbach, entre outros, são consideradas como contribuições a esse ramo de discussão da filosofia. Porém, a tradição científica, em geral, recusa tal discussão, considerando-a especulativa ou não empírica. A tradição empirista é a mais forte opositora à discussão sobre natureza humana. Tal como coloca John Locke (1978), o ser humano é “como uma folha que nasce em branco”, ou seja, não possui nem conteúdo anterior ao nascimento e só com a experiência é que se forma. A polêmica em torno da ideia de natureza humana sempre reaparece, bem como atinge várias concepções. No interior do que se autodenomina “marxismo”, por exemplo, há também aqueles que aceitam a ideia de natureza humana e a concebem a partir de Marx,

* Professor da Universidade Federal de Goiás; Doutor em Sociologia pela Universidade de Brasília.

enquanto que há outros que negam sua existência, seja na realidade, seja na obra do fundador dessa concepção (ALTHUSSER, 1979).

Assim, essa discussão que ocorre no interior da filosofia, da ciência e do marxismo, não está ausente na psicanálise. Sigmund Freud, em sua vasta obra, não fez referências ao termo “natureza humana”. A ausência desse termo poderia justificar a ideia de que não existe uma concepção de natureza humana em Freud. Porém, é possível argumentar que, apesar da ausência terminológica, o fundador da psicanálise teria apresentado uma teoria da natureza humana ao trabalhar os elementos essenciais e universais dos seres humanos, com sua teoria dos instintos (ou “pulsões”), do aparelho psíquico e do inconsciente (STEVENSON, 1976). Esses elementos seriam característicos de todos os seres humanos e, por conseguinte, nessa interpretação, constituiriam a natureza humana para Freud.

Por outro lado, diversos outros psicanalistas posteriores a Freud já não aceitariam a noção de natureza humana. Lacan, por exemplo, devido ao seu vínculo com o estruturalismo negaria a ideia de uma natureza humana (COTET, 1989). Porém, outros psicanalistas trabalhariam explicitamente com a ideia de natureza humana, inclusive como base para suas concepções psicanalíticas, tal como Alfred Adler (1939) e Erich Fromm (1978; 1983).

Assim, a questão da natureza humana é controversa em geral e também especificamente no interior da psicanálise. Donald Winnicott retoma a ideia de natureza humana, mas, obviamente, sob uma forma distinta da utilizada pela antropologia filosófica ou por alguns cientistas e outros psicanalistas. Assim, se Hobbes (1983) e Rousseau (1989), para usar apenas dois exemplos, concebem a natureza humana de forma especulativa, seja tratando de um suposto “estado de natureza”, no qual o ser humano seria “mau” (a luta de todos contra todos de Hobbes) ou “bom” (a harmonia que seria rompida pela civilização que o corromperia), a concepção científica exige a comprovação empírica. E é devido a isto que muitos irão recusar a ideia de uma natureza humana, tal como os filósofos empiricistas, antropólogos, etc. Por outro lado, na psicanálise, a ideia de natureza humana em Adler e Fromm se originam de suas teses psicanalíticas de base, que entram em contradição com alguns postulados de Freud e das demais escolas psicanalíticas. Em Adler, a ideia de natureza humana remete sua concepção de “vontade de poder”, mais importante que a sexualidade, e em Fromm, remete à sua ideia de produtividade e a

complexifica ao relacioná-la com a sociedade, e que também coloca a questão da sexualidade em segundo plano.

Winnicott traz outra concepção, pois suas bases intelectuais são outras. O seu pertencimento à chamada “escola inglesa de psicanálise” e o fato de sua produção ocorrer na Inglaterra já mostra elementos diferenciadores. A Inglaterra é a terra do empiricismo – desde Francis Bacon, David Hume e John Locke – e isso teve impacto na psicanálise inglesa, bem como no conjunto das ciências humanas neste país. Winnicott apresenta uma ideia de natureza humana que se pretende empírica e não especulativa, racionalista. Neste contexto, não é difícil realizar a pergunta: como Winnicott pode conceber uma ideia de natureza humana com base no empirismo? Para compreender isso será necessária uma investigação do que ele concebe com tal termo e como ele o elaborou.

A Ideia de Natureza Humana em Winnicott

A análise da ideia de natureza humana em Winnicott encontra algumas dificuldades. Uma delas é a amplitude da obra do autor, que publicou diversos livros, gerando um extenso material de pesquisa. Uma segunda dificuldade é que o autor, devido sua tradição empirista, não é adepto de definições e assim muitos termos não são definidos explicitamente. Uma terceira dificuldade é o problema da tradução, já alertado por alguns tradutores. Sem dúvida, essas dificuldades não se limitam à questão da natureza humana, mas é em relação a essa que nos deparamos no presente texto.

A primeira dificuldade, que é a quantidade de obras do autor, é superada por haver um livro dedicado exclusivamente ao problema da natureza humana, o que não exclui a necessidade de leitura de outras obras do autor e análise do seu desenvolvimento e elementos mais desenvolvidos em outras oportunidades, mas que já fornece os elementos essenciais para entender a sua concepção a esse respeito. A segunda dificuldade é contornável no sentido de que ele não apresenta uma definição clara e explícita de natureza humana, mas acaba desenvolvendo os elementos fundamentais que a caracterizam. A terceira dificuldade é superável através do exercício de entendimento de suas ideias para entender o sentido dos termos utilizados, bem como esse elemento possuir uma importância menor em alguns aspectos, tal como numa definição de natureza humana (embora atinja e ganhe mais importância em elementos relacionados e derivados).

Após essas observações preliminares, podemos encaminhar a reflexão sobre a ideia de natureza humana em Winnicott. O autor reconhece a dificuldade em tratar desse tema, em sua obra dedicada especificamente a tal assunto (WINNICOTT, 1990). Winnicott declara: “percebo-me mais do que consciente da vastidão do empreendimento”, pois “a natureza humana é quase tudo que possuímos” (1990, p. 21). Ao mesmo tempo, o autor reconhece a sua base empirista:

Apesar de saber disso, pretendo ainda assim ater-me a esse título, e fazer sobre a natureza humana uma exposição capaz de aglutinar as diversas experiências que vivi: o que aprendi de meus professores e em minhas vivências clínicas. Desta maneira, eu talvez consiga uma descrição pessoal – e, portanto, compreensivelmente limitada – de um tema que em si não conhece limites (WINNICOTT, 1990, p. 21).

E o ponto de partida de Winnicott é simultaneamente psicanalista e empírico. O autor afirma que em medicina, o estudo da doença traz muito conhecimento sobre a saúde. Porém, “a noção médica de que a saúde é uma relativa ausência de doenças não é suficientemente boa”, afinal, “a palavra saúde possui seu próprio significado positivo” (WINNICOTT, 1990, p. 21) e a ausência de doenças pode ser um ponto de partida, mas não de chegada.

A positividade da saúde é, portanto, o elemento inicial da reflexão de Winnicott sobre a questão da natureza humana. O médico trata do corpo, da saúde e da doença como fenômenos físicos, materiais. O psicanalista já focaliza a psique. O “animal humano” possui uma unidade e um tema central, que vai além das divisões das ciências e seu estudo sobre o ser humano. A sua análise da natureza humana parte da criança e, devido a essa unidade e tema central, se apropria dos mais variados pontos de vista para compreendê-la (pediatria, psicanálise, genética, etc.). A criança serve como ponto de partida por causa que o adulto continua a se desenvolver, mas existe “uma constante já visível na criança e que persiste até o fim” (WINNICOTT, 1990, p. 25).

A concepção de natureza humana em Winnicott remete à ideia de pessoa integral¹. A pessoa integral, expressão da natureza humana, consegue reunir em si, sob forma

¹ A tradução comum é “pessoa total” (WINNICOTT, 1990) ou “indivíduo total” (WINNICOTT, 2000). Em relação termo “pessoa” ou “indivíduo”, consideramos equivalentes (embora pessoa seja mais adequado, pois é algo genérico, enquanto que indivíduo remete para algo específico da individualidade), mas em relação ao termo “total” consideramos que ele não dá conta do que o autor quis trabalhar. Um problema das traduções da obra de Winnicott é que ao invés de se escolher as palavras equivalentes em português a partir do sentido usado pelo autor, se busca por equivalência formal, tal como encontrada em dicionários, o que não se espera da tradução de termos técnicos, construtos e conceitos, que possuem um significado que não é

harmônica e adaptada para a idade do indivíduo, os seus elementos constitutivos, a saber: o soma, a psique e a mente. Segundo Winnicott:

O ser humano é uma amostra no tempo da natureza humana. A pessoa total² é física, se vista de um certo ângulo, ou psicológica, se vista de outro. Existem o soma e a psique. Existem também um inter-relacionamento de complexidade crescente entre um e outra, e uma organização desse relacionamento proveniente daquilo que chamamos mente. O funcionamento intelectual, assim como a psique, tem sua base somática em certas partes do cérebro (WINNICOTT, 1990, p. 29).

É possível, ao estudar a natureza humana, distinguir entre o funcionamento do corpo, da psique e da mente. Assim, é necessário entender o que significa “soma”, “psique” e “mente” para Winnicott. Seria tentador relacionar “soma” e “corpo”, mas isso não seria exato no âmbito do pensamento de Winnicott. Sem dúvida, o corpo vivo existe, mas sua concepção é mais ampla, pois insere algo a mais na sua concepção de soma.

O soma é o *corpo vivo*, que vai sendo personalizado à medida que é elaborado imaginativamente pela psique. Esse corpo vivo é físico, sem dúvida, mas não meramente fisiológico ou anatômico; não, certamente, a máquina física, autônoma com relação à psique, da qual se ocupa a medicina clássica; portanto, não é um corpo que possa ser estudado por meio de cadáveres. O corpo vivo é um aspecto do “estar vivo” do indivíduo; da vitalidade deste, como pessoa, fazem parte intrínseca a respiração, a temperatura, a motilidade, além da vitalidade dos tecidos, uma vez que, sendo o corpo vivo, “os tecidos estão vivos e fazem parte do animal como um todo, sendo afetados pelos estados variáveis da psique daquele animal” (DIAS, 2003, p. 104).

Assim, a soma é o corpo, mas este num sentido mais amplo, englobando a elaboração imaginativa pela psique. Isso significa que, no ser humano, o soma e a psique são inseparáveis: a psique e o soma só podem ser distintos a partir da perspectiva de quem observa (WINNICOTT, 2000). E elaboração imaginativa, que une psique e soma, precisa, nesse contexto, ser compreendida. Segundo Winnicott, “todo funcionamento corporal possui sua elaboração imaginativa” (1990). A elaboração imaginativa das funções corporais (ou “físicas”) se manifesta tipicamente no caso da criança através da fantasia.

o da linguagem comum e sim específico dentro do contexto discursivo em que aparece. Nesse sentido, a palavra integral é mais adequada para expressar o que Winnicott quis dizer, tal como se observa em diversas outras discussões de outros pensadores, que tratam do “homem integral” ou da “educação integral”, que visa reunir num todo coerente e integrado as diversas características do fenômeno analisado. Assim, apesar da tradução mais comum de *whole* seja “total”, consideramos que, nesse caso, é mais adequado integral, pois é um sinônimo que se encaixa melhor nas reflexões de Winnicott.

² Como se trata de uma citação, aqui se segue a tradução efetivada, mas julgamos mais adequado a tradução “pessoa integral”.

Essa vai se tornando cada vez mais complexa, mas inicialmente pode ser quantitativamente restrita, o que pode ser percebido pelas brincadeiras, que são indicadores de fantasia³. O desenvolvimento da fantasia engloba, numa “classificação artificial”: a) “simples elaboração de função”; 2) “distinção entre antecipação, experiência e memória”; 3) experiência em termos de “memória da experiência”; 4) “localização da fantasia dentro ou fora do self”⁴, com intercâmbios e enriquecimento constante entre ambos; 5) construção de um mundo interior (pessoal), contendo um sentido de responsabilidade pelo que existe e acontece internamente; 6) separação entre consciência e inconsciente⁵.

A elaboração imaginativa surge com a experiência do nascimento e Winnicott faz um percurso de seu desenvolvimento que não poderemos reproduzir aqui. A elaboração imaginativa possui um significado importante no desenvolvimento do ego e constituição do self⁶. O “funcionamento do ego consiste em formas *primitivas* de elaboração imaginativa”, tese que aproximaria “o conceito winnicottiano do *ego*, caracterizado pela tendência à integração, e o de *psique*, definida [...] precisamente como elaboração imaginativa da experiência somática” (LOPARIC, 2000, p. 383). Aqui já podemos discutir o termo *psique* na abordagem winnicottiana:

A *psique* se forma a partir do material fornecido pela elaboração imaginativa das funções corporais (que, por sua vez, depende da saúde e capacidade de um órgão específico – o cérebro). Pode-se dizer com segurança que a fantasia mais próxima do funcionamento corporal depende da função daquela parte do cérebro que, em termos evolutivos, é a menos moderna, enquanto a consciência-de-si depende do funcionamento daquilo que é mais moderno na evolução do animal

³ “Interpretada em termos de Heidegger, a ‘fantasia’ originária de Winnicott é essencialmente uma ‘autocompreensão’ do bebê, seguida de uma ‘auto-interpretação’, ambas baseadas em esquemas herdados ou livremente projetados (esse é um equivalente heideggeriano possível à ‘elaboração imaginativa’ de Winnicott) de um lugar e de um modo pessoal de se relacionar corporeamente com os outros e com as coisas encontrados nesse lugar” (LOPARIC, 2000, p. 372). Apesar de existirem vários intérpretes de Winnicott que relacionam sua obra com a fenomenologia e existencialismo, somos mais cautelosos no estabelecimento de tais relações, pois seria necessário um aprofundamento a esse respeito, inclusive pelo motivo de que Winnicott não fazer referências a tais pensadores. Apesar disso, algumas semelhanças podem efetivamente existir e ajudar a entender o pensamento de Winnicott.

⁴ Usamos o termo “self”, que alguns traduzem como “si-mesmo” ou “eu”, apesar de considerar que seria necessária uma análise mais profunda sobre a necessidade de tradução ou a vantagem de manutenção do original no futuro.

⁵ O conceito de inconsciente, em Winnicott, tem a abordagem de Freud (1975; 1978) como ponto de partida, mas, no entanto, a sua concepção não é exatamente a mesma. Winnicott considera que o inconsciente expressa aspectos primitivos da *psique* que nunca se tornam conscientes, embora ele também, em certas obras e passagens, trata do “inconsciente reprimido”, que remete para aspectos da *psique* que não são acessíveis à consciência por causa de seu significado como “defesa contra a ansiedade”.

⁶ Sobre estes dois termos (*ego* e *self*) e sua distinção em relação à concepção de Freud, no decorrer de sua obra, pode ser visto em Loparic (2000).

humano. A psique, portanto, está fundamentalmente unida ao corpo através de sua relação tanto com os tecidos e órgãos quanto com o cérebro, bem como através do entrelaçamento que se estabelece entre ela e o corpo graças a novos relacionamentos produzidos pela fantasia e pela mente do indivíduo, consciente ou inconscientemente (WINNICOTT, 1990, p. 70).

A psique, por conseguinte, é interligada com o corpo e formam um todo, o psicossoma⁷. Dessa forma, a psique engloba tudo que não é soma na pessoa, inclusive a mente. Ela surge como uma elaboração imaginativa das partes, sentimentos e emoções somáticas, e nunca perde essa função originária, mas se desenvolve em funções cada vez mais avançadas (incluindo todas as operações mentais) no processo de amadurecimento. A questão do amadurecimento ganha importância fundamental, pois a tarefa principal da psique remete à “constituição paulatina a temporalidade humana” (DIAS, 2003).

A primeira tarefa da psique é, como foi dito, a elaboração imaginativa das funções corpóreas. O corpo elaborado imaginativamente e o corpo vivo de alguém que respira, se move, busca algo, mama, esperneia, chupa o polegar, descansa, e acalentado, trocado, envolvido pela água do banho etc. Seja o que for que esteja sendo experienciado – e tudo, no início, é experienciado no corpo e por meio do corpo e – está *sendo personalizado pela elaboração imaginativa*. Como, desde o nascimento, o bebê já tem uma vida que, embora restrita, já é pessoal, qualquer experiência é vivida não como uma simples e anódina sensação física, mas com um sentido. Ou seja, a *experiência direta que o bebê faz do funcionamento, das sensações e dos movimentos do corpo* tem para ele um sentido, pelo fato de estar sendo imaginativamente elaborada. Apesar de esse sentido não poder ser diretamente observável, ele se tornara manifesto, posteriormente, no brincar e/ou nas situações clínicas de regressão a dependência (DIAS, 2003, p. 106).

Assim, a unidade entre soma e psique se torna compreensível, de acordo com a concepção winnicottiana. Contudo, há um terceiro elemento na concepção de natureza humana de Winnicott, que é a mente. Essa, no entanto, é às vezes apresentada como “ornamento” (WINNICOTT, 1990)⁸, bem como o autor, reiteradas vezes, se opõe a confundir a relação entre soma e psique com “corpo e mente”. A razão disso é devido ao

⁷ Não poderemos desenvolver a questão das relações entre psicossoma e sua unidade e diferenciação, mas é possível ver uma análise desse processo (e do argumento segundo o qual o uso do termo sem hífen, psicossoma, seria problemático) em Loparic (2000). As referências de Winnicott a essa questão podem ser vistas em algumas de suas obras (2001).

⁸ “A natureza humana não é uma questão de corpo e mente — e sim uma questão de psique e soma inter-relacionados, que em seu ponto culminante apresentam um ornamento: a mente (WINNICOTT, 1990, p. 44).

fato de que soma é um termo mais amplo do que corpo e que só existe na relação com a psique, bem como esta última é mais ampla que mente, tal como ele mesmo coloca:

Ao dissecar a personalidade, faço uso do termo psicossoma com a intenção de preservar o relacionamento fundamental que, na saúde, se estabelece e se mantém entre o corpo e a psique. Existe também a mente, uma parte especializada da psique que não está necessariamente ligada ao corpo, embora dependa, evidentemente, do funcionamento cerebral. Damo-nos ao luxo de fantasiar um local, que chamamos mente, onde trabalha o intelecto, e cada indivíduo localiza a mente em algum lugar, onde ele sente um esforço muscular ou uma congestão vascular no momento em que tenta pensar. O cérebro propriamente dito não é utilizado quando se procura imaginar um lugar para a mente, visto que não há consciência de seu funcionamento; o cérebro funciona em silêncio e não reivindica reconhecimento (WINNICOTT, 1990, p. 71)⁹.

Desta forma, Winnicott insiste na afirmação segundo a qual ele não acredita “que a mente realmente exista como entidade” (WINNICOTT, 2000, p. 332). “A mente não existe enquanto entidade no esquema individual das coisas, sempre que o esquema corporal ou psicossoma desse indivíduo tenha evoluído satisfatoriamente desde os estágios mais primitivos. A mente, então, será apenas um caso especial do funcionamento do psicossoma” (WINNICOTT, 2000, p. 333)¹⁰.

Podemos sintetizar toda essa discussão afirmando que para Winnicott a natureza humana é o soma, a psique e a mente. Basicamente, é essa a ideia de natureza humana em Winnicott. Contudo, tal afirmação seria incompleta, pois existem mais elementos na concepção winnicottiana que precisariam ser integradas na análise para que ganhe o significado mais completo. Isso, no entanto, remeteria a um conjunto de questões que não poderemos desenvolver aqui, mas tão somente apontar sua existência e caráter complementar na análise da natureza humana de Winnicott.

A unidade psico-somática que forma a pessoa não é estática, ela tem um processo de desenvolvimento. A ideia de natureza humana em Winnicott se complementa com a de integração¹¹, processo de amadurecimento, ambiente, dependência, ego, self, entre inúmeros outros termos. Não poderemos, obviamente, tratar desse conjunto de termos e por isso vamos apenas colocar uma breve referência para aqueles que consideramos

⁹ Winnicott também comenta a ideia de pensar que a mente está localizada na cabeça (2000).

¹⁰ Aqui se segue a grafia da tradução, que, como já alertamos, não é consensual no caso de Winnicott.

¹¹ Seria necessária uma análise mais profunda para ver se tal palavra seria a tradução mais adequado do sentido oferecido por Winnicott.

fundamentais para entender os demais elementos da análise da natureza humana em Winnicott.

Segundo Winnicott existe uma tendência biológica para a integração¹², mas a pessoa inicia num estado de não-integração. A não-integração é substituída, no desenvolvimento adequado (o que remete para questões como ambiente, mãe, cuidado, etc.), pela integração, no qual a pessoa se torna integral e se unifica e adequa ao ambiente, que é o processo normal¹³, e isso significa o seu processo de amadurecimento. Este pode ser assim compreendido:

Numa apreensão global, o amadurecimento pode ser descrito como uma jornada (*journey*) que parte da *dependência absoluta*, passa por um período da dependência *relativa*, chega às etapas que estão no *ramo da independência*, até chegar à *independência relativa*, que é o estado em que o indivíduo saudável se mantém regularmente ao longo da vida. Note-se que os termos são relacionais, implicando sempre a existência de um outro ser humano. No início do processo, contudo, a “relação” tem um caráter *sui generis*, devido ao fato do bebê não ser ainda uma unidade. A unidade é a dupla mãe-bebê, sendo que a mãe é sentida pelo latente como parte dele, ou seja, como objeto subjetivo (DIAS, 2003, p. 98).

Sem dúvida, vários aspectos necessitariam ser desenvolvidos, mas no que se refere ao objetivo de apontar o que é a natureza humana para Winnicott, esses elementos já fornecem um complemento que aponta para uma percepção geral de sua concepção. A natureza humana é composta por soma, psique e mente e sua manifestação completa significa a integração da pessoa, a sua transformação em pessoa integral, ocorrendo da formação do *self*, que se dá com o processo de amadurecimento, que tem seu ponto de partida na infância e no desenvolvimento emocional primitivo, promovendo a integração. Isso tudo, que remete a vários outros aspectos (e, por conseguinte, termos), se conclui com a ideia positiva de saúde, que não seria apenas a ausência de doenças. Segundo Winnicott, a saúde ocorre quando há essa integração, de acordo com cada estágio do processo de amadurecimento da pessoa, e sua não realização significa desintegração, a constituição do

¹² “Não há dúvida de que existe uma tendência biológica em direção à integração, mas os estudos psicológicos da natureza humana jamais serão satisfatórios se se basearem excessivamente nos aspectos biológicos do crescimento” (WINNICOTT, 1990, p. 136).

¹³ Winnicott distingue não-integração, que é antecessora da integração, de “desintegração”, que é algo posterior. “É possível detectar uma desintegração que ocorre como defesa organizada contra a tremenda dor das várias ansiedades associadas ao estado plenamente integrado. A desintegração desse tipo pode ser utilizada mais tarde como base para um estado patológico caótico, que na verdade representa um fenômeno secundário e que não está diretamente relacionado ao caos primários do indivíduo humano” (WINNICOTT, 1990, p. 137). É aqui que se estabelece os casos de desequilíbrios psíquicos ou “patológicos” e são abordados por Winnicott como ansiedade e distúrbios.

“falso *self*”, que origina o conjunto dos problemas que podem ser denominados como “doenças psíquicas”¹⁴.

Os Limites da Ideia de Natureza Humana em Winnicott

A breve, e incompleta, síntese da concepção de natureza humana em Winnicott permite uma percepção geral da mesma. Não é nosso objetivo, aqui, comparar tal concepção com outras, tais como as da antropologia filosófica. Da mesma forma, não é nossa intenção analisar o significado da obra de Winnicott no interior da história da psicanálise. O nosso objetivo nesse tópico é mais restrito: apresentar algumas reflexões críticas sobre a concepção de natureza humana neste autor, o que pode nos remeter para outras concepções psicanalíticas a respeito dessa temática.

Não deixa de ser curioso que Winnicott, representante da escola inglesa de psicanálise, logo, de orientação empirista, aborde um fenômeno considerado não-empírico como a “natureza humana”. E mais ainda num momento histórico no qual a maioria das ideologias recusavam tal ideia¹⁵. Isso demarca sua diferença em relação a Freud, Adler, Fromm. Claro que existem outras diferenças, mas nos referimos ao caso específico da natureza humana, que é nosso foco. Freud não utiliza o termo “natureza humana”. Porém, existe em sua obra algumas referências que seriam válidas para todos os seres humanos, ganhando um caráter universal, o que significa que existe, mesmo sem utilizar o termo, uma concepção sobre a natureza humana¹⁶. Existem diversas interpretações sobre o que seria a natureza humana para Freud, tais como a de Fromm (1979) e Stevenson (1976). Basicamente, para Freud o ser humano é um ser instintual e essa é sua motivação básica, sendo que a respeito de quais instintos existiriam houve alterações durante o

¹⁴ Esses elementos não poderão ser desenvolvidos aqui, mas pode ser visto nas obras citadas de Winnicott (1990; 2000; 2001; 2006) e seus comentaristas (DIAS, 2003; FULGÊNCIO, 2017; LOPARIC, 2000).

¹⁵ Winnicott começa a produzir suas teses antes da Segunda Guerra Mundial, ou seja, numa época de hegemonia do paradigma positivista, mas avança mais no período pós-Segunda Guerra Mundial, período de hegemonia do paradigma reprodutivista (VIANA, 2019). Nesse contexto, a hegemonia reprodutivista e suas ideologias correspondentes apontavam para o predomínio das concepções holistas e objetivistas (estruturalismo, funcionalismo, “teoria dos sistemas”). As ideias de “sistema”, “estrutura”, “função”, eram hegemônicas e o indivíduo, o ser humano, eram secundarizados ou abandonados. O estruturalismo colocava em questão a recusa do humanismo. Era um contexto contrário à aceitação da discussão sobre natureza humana, apesar de alguns manterem discussões sobre natureza humana (como Erich Fromm) ou indivíduo (como o existencialismo), mas que não eram concepções hegemônicas e sim concorrentes secundários.

¹⁶ Tanto é que Stevenson (1976) coloca Freud como um dos grandes “teóricos da natureza humana” ao lado de Platão, Marx e outros.

desenvolvimento do seu pensamento¹⁷. Em Freud, além dos instintos (ou “pulsões”, “impulsos”, variando com a tradução e interpretação), são os elementos mobilizadores dos seres humanos e isso gera uma relação conflitual no “aparelho psíquico” (id, ego e superego) (FREUD, 1978a) e entre indivíduo e sociedade (FREUD, 1978b).

A concepção de Winnicott é distinta. Embora reconheça a existência dos instintos, não lhe atribui a mesma importância. No fundo, embora não negue explicitamente a concepção freudiana, se afasta dela e constitui uma nova concepção de natureza humana. Nesse contexto, a sua abordagem da natureza humana também se distingue da de Alfred Adler (1939), que remete para a questão da vontade do poder ao invés dos instintos sexuais, e da de Erich Fromm (1978; 1961), que trabalha com a questão das potencialidades humanas, especialmente o que ele denomina “produtividade”¹⁸. Em relação à Fromm há uma certa proximidade, apesar das bases e termos distintos, em certos aspectos, como, por exemplo, na questão da individuação¹⁹ e da formação do caráter produtivo (FROMM, 1981), o que gera uma certa aproximação também, devido à discussão de Winnicott sobre a criatividade como elemento característico da pessoa integral.

Assim, mesmo que tendo elementos comuns com Freud e Fromm, a concepção de natureza humana em Winnicott é distinta. Não se trata aqui de realizar uma análise crítica do conjunto de seu pensamento, mas algumas observações necessitam ser efetivadas a respeito da concepção winnicottiana de natureza humana que são problemáticas. A questão da especificidade do corpo humano, considerado como soma, é interessante, mas sua necessidade é questionável. Bastaria reconhecer a especificidade do corpo humano e sua distinção em relação ao corpo dos demais animais devido sua relação com a “psique”. Isso não só facilitaria a compreensão, como retiraria a impressão de algo “metafísico”. Por outro lado, a ideia de psique também não nos parece necessária. O conceito de mente é

¹⁷ Numa fase do seu pensamento, Freud considerava a existência dos instintos sexuais e de sobrevivência e, posteriormente, incluiu o “instinto de morte” (FREUD, 2021). Fromm e Stevenson, em sua interpretação de Freud, consideram basicamente os instintos sexuais, sendo que o primeiro acrescenta a oposição entre “princípio de prazer” e “princípio de realidade” e o segundo a questão do inconsciente, embora reconhecendo sua alteração e a nova posição em relação a Eros e Tanatos (STEVENSON, 1976).

¹⁸ Termo que nada tem a ver com o sentido fornecido pela ciência econômica ou pela análise marxista do modo de produção capitalista e sim no sentido de ser humano criativo e produtivo (FROMM, 1978).

¹⁹ E nesse aspecto, há também uma aproximação com Jung (JUNG, 1978; VIANA, 2018). Contudo, não encontramos nenhuma referência de Winnicott a Fromm, mas há em relação a Jung, especialmente sua relação com Freud e uma apreciação de que ambos seriam “complementares”, bem como estabelece relações entre sua concepção de self com a de Jung, entre outros aspectos, especialmente em sua longa resenha do livro *Memórias, Sonhos e Reflexões* (WINNICOTT, 2006).

suficiente para especificar a complexidade do que Winnicott denomina “psique”. Sem dúvida, Winnicott concebe mente de forma restrita, ou seja, como “intelecto”, “razão”. Porém, basta citar Freud e sua ideia de “aparelho psíquico”, que pode ser considerado equivalente de “mente”, e que inclui o id, ego e superego, para conceber que tal termo é muito mais amplo do que a razão, que é parte da mente, mas não ela em sua totalidade. Por fim, a sua posição diante da mente/razão, que é secundarizada (aparece até como “ornamento”), é problemática, pois desconhece a força desta no interior do universo psíquico dos indivíduos e seu impacto sobre os sentimentos, valores, entre outros aspectos²⁰.

Esses elementos apontam diversos problemas na concepção de natureza humana em Winnicott. Contudo, além desses, existem outros problemas adicionais. Um deles é a concepção demasiadamente formal da natureza humana. Uma reflexão mais profunda sobre os instintos seria necessária, no sentido de explicitar se há diferença em relação aos instintos dos demais animais, quanto e quais instintos seriam. Em seu livro *Natureza Humana*, ao invés de tal discussão, temos a seguinte justificativa de sua omissão:

Nesta exposição não há muita diferença entre os diversos tipos de demanda instintiva, e tampouco há muita diferença entre seres humanos e animais. Não é necessário, aqui, entrar em discussão quanto à classificação dos instintos, nem decidir se há um único instinto ou se eles são dois, ou se existem às dúzias. Tudo isto, no momento, é irrelevante (WINNICOTT, 1990, p. 57-58).

Quem espera um maior desenvolvimento na parte IV do livro *Natureza Humana*, intitulada “Da teoria do Instinto à Teoria do Ego”, fica decepcionado. Uma concepção psicanalítica de natureza humana deveria, inevitavelmente, discutir a questão dos instintos, seja para conservar essa ideia ou para a refutá-la e, no primeiro caso, aprofundar, ou, no segundo, colocar explicitamente a alternativa sugerida. Porém, isso não ocorre na obra de Winnicott, que se contenta com um alto grau de generalidade.

Outro problema é o social, que aparece na concepção winnicotiana, mas de forma insuficiente e sem demonstrar entender a essência social do ser humano²¹. Winnicott

²⁰ Aliás, quando Winnicott afirma que a mente é uma “ordem à parte” recorda a afirmação de Marx e Engels (1982), segundo a qual não existe “um espírito à parte”, o que é mais adequado à realidade.

²¹ Disso deriva um problema de caráter político, o qual não poderemos abordar, mas que precisaria ser pelo menos mencionado, pois Winnicott ao adotar uma posição política – que ele mesmo relaciona com sua concepção psicanalítica através da ideia de ambiente – que aponta para a democracia representativa como a base para a existência de um processo de amadurecimento dos indivíduos, o que acaba demonstrando a sua

também, ainda nesse aspecto, apresenta uma percepção muito superficial da sociedade moderna e da relação entre indivíduo e sociedade, o que é fundamental para qualquer concepção psicanalítica, bem como qualquer tentativa de compreender a natureza humana.

Por fim, o problema teórico-metodológico, que consiste em tomar o desenvolvimento emocional primário, especialmente a infância, para compreender a natureza humana. Aliás, ele abre a introdução de *Natureza Humana* com a afirmação segundo a qual “parece-me adequado examinar a natureza humana através do estudo da criança” (1990, p. 25). A análise da natureza humana pode e deve considerar a criança, mas não pode e não deve se limitar à criança, não só por seu desenvolvimento orgânico como também mental. O ser humano não vive apenas a infância e nem se torna pronto e acabado nela, ele continua desenvolvendo e se complexificando, tanto no que diz respeito ao corporal e biológico, quanto no que se refere ao cérebro e a mente. Não perceber isso, numa perspectiva psicanalítica, significa não compreender os problemas da juventude, da adultez e da ancianidade, pois a complexificação das relações sociais e do universo psíquico trazem novos elementos que não podem ser compreendidos na infância, por não existirem nesse momento. Assim, a desconsideração pela história e sociedade enquanto formadores da natureza humana, acaba se complementando com um “modelo infantil” que projeta a vida da infância para o ser humano posterior. Isso torna mais convincente a ideia de natureza humana de Winnicott, mas o estudo do ser humano após a infância revela suas falhas. A criança nasce com a potencialidade da essência humana, mas essa só se concretiza posteriormente, com o seu desenvolvimento orgânico e social. Uma criança que após nascer fica isolada dos outros seres humanos (e existem muitas histórias reais e ficções sobre isso) não se tornará humana, não aprenderá a andar, falar, etc., ou seja, não terá “o soma” apontado por Winnicott, mas tão somente um “corpo”, como os demais animais. Sem dúvida, é possível argumentar que, nesse caso, não houve o “ambiente suficiente bom” e “mãe suficientemente boa”. Porém, não estamos tratando da boa ou má socialização, ou da criança tal como concebida por Winnicott e sim da criança humana e sua formação, pois é no plano social que emerge “a psique” e as características específicas do corpo humano (o “soma”). Essa potencialidade se desenvolve, sob forma mais ou menos adequada, desenvolvendo de forma mais ampla ou mais restrita, dependendo da sociedade em que ela nasce, bem como da família, classe social, etc.

base valorativa e política, bem como sua compreensão limitada da sociedade capitalista e dos problemas da democracia moderna.

Na abordagem de Winnicott falta o conceito de necessidades, ou seja, a percepção do que é necessário para o ser humano, o que define sua natureza. Os instintos não são suficientes, já que não apontam para o que é especificamente humano, bem como são secundarizados. As necessidades especificamente humanas, ao lado das necessidades básicas (alimentação, sexualidade, etc.) constituem a natureza humana e essa só pode ser entendida a partir da mente humana, pois são necessidades psíquicas, cuja insatisfação tende a gerar desequilíbrios psíquicos (VIANA, 2002). A ausência da história, do social e das necessidades torna a ideia de natureza humana em Winnicott limitada e inadequada.

Considerações Finais

O nosso objetivo foi apresentar a concepção de natureza humana em Winnicott, de forma sintética, não apenas de forma descritiva, mas também analítica. Assim, a partir das obras de Winnicott e de alguns comentaristas, resumimos os principais aspectos de sua concepção de natureza humana, bem como, posteriormente, apontamos alguns limites a partir de nossa perspectiva. As reflexões críticas, no entanto, não retiram toda e qualquer contribuição de Winnicott, apenas coloca os seus limites no caso específico da ideia de natureza humana e seria necessário um trabalho mais extenso e uma pesquisa mais profunda para um balanço geral do seu pensamento e para analisar outros elementos de suas teses psicanalíticas. Sem dúvida, alguns elementos da obra de Winnicott merecem análise mais profunda, o que pode ser feita em outras pesquisas posteriores.

REFERÊNCIAS

- ADLER, Alfred. *A Ciência da Natureza Humana*. São Paulo: Nacional, 1939.
- ALTHUSSER, Louis. *A Favor de Marx*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- COTET, Serge. Penso onde não sou, sou onde não penso. MILLER, Gérard (org.). *Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.
- DIAS, Elza Oliveira. *A Teoria do Amadurecimento de D. Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.
- FREUD, Sigmund. (1915b/2004). O Inconsciente. In: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1975.
- FREUD, Sigmund. *Esboço de Psicanálise*. Col. Os Pensadores, São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar na Civilização*. Col. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

- FREUD, Sigmund. *Psicanálise da Guerra*. Goiânia: Edições Enfrentamento, 2021.
- FROMM, Erich. *Análise do Homem*. 10ª edição, Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- FROMM, Erich. *Conceito Marxista do Homem*. 8ª edição, Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- FROMM, Erich. *Meu Encontro Com Marx e Freud*. 7ª edição, Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- FROMM, Erich. *O Medo à Liberdade*. 13ª edição, Rio de Janeiro, Zahar, 1981.
- FULGÊNCIO, Leopoldo. *Por que Winnicott?* São Paulo: Zagodoni, 2017.
- JUNG, Carl Gustav. *O Eu e o Inconsciente*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- LOCKE, John. *Ensaio Sobre o Entendimento Humano*. 3ª edição, In: Col. Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1978.
- LOPARIC, Zeljko. O “Animal Humano”. *Natureza Humana*. vol. 02, num. 02, dez. 2000. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/nh/v2n2/v2n2a05.pdf> acesso em: 18/05/2021.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã (Feuerbach)*. 3ª Edição, São Paulo: Ciências Humanas, 1982.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discurso Sobre a Origem e a Desigualdade entre os Homens*. São Paulo: Ática, 1989.
- STEVENSON, Leslie. *7 Teorias sobre a Natureza Humana*. Rio de Janeiro: Labor do Brasil, 1976.
- VIANA, Nildo. *Hegemonia Burguesa e Renovações Hegemônicas*. Curitiba: CRV, 2019.
- VIANA, Nildo. *Inconsciente Coletivo e Materialismo Histórico*. Goiânia: Edições Germinal, 2002.
- VIANA, Nildo. Jung e a Individuação. *Fragmentos de Cultura*. vol. 27, num. 04, out./dez. 2017.
- WINNICOTT, Donald W. *A Família e o Desenvolvimento Individual*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- WINNICOTT, Donald W. *Da Pediatria à Psicanálise*. Obras Escolhidas. Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- WINNICOTT, Donald W. *Natureza Humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- WINNICOTT, Donald W. *Obras Escogidas*. Barcelona: RBA, 2006.

Texto aprovado para publicação em 16 de abril de 2022.